

Apresentação – parte I

O propósito desta apresentação inicial é dar um panorama da luta de classes na época de Marx, e do início da organização do movimento operário. Deve ser uma apresentação breve, de no máximo 30 minutos

Slide 2: referência ao processo violento de implantação do capitalismo, e as consequências da revolução industrial; as primeiras leis contra a “vadiagem” no início, o aumento da miséria, do exército industrial de reserva. Engels, na obra “*A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*” considerou a criminalidade como a primeira forma, a mais rudimentar, da luta de classes no capitalismo.

Slide 3: As sociedades de correspondência – influência da revolução francesa sobre a Inglaterra, referência no processo jacobino; fruto da legislação que proibia associações nacionais de trabalhadores. Surgiram diversas sociedades de correspondência; foram perseguidas, e acabaram, mas muitos de seus organizadores foram posteriormente líderes operários.

Slide 4 – O Ludismo – revolta contra as máquinas – atribuição a elas dos males que estavam se abatendo sobre a classe e culpadas da transformação de seu modo de vida. Não é muito precisa a origem do nome, mas o fato é que esse “movimento” se espalhou.

Slide 5 - Revoltas no campo – Nos distritos agrícolas, o protesto contra a miséria se traduzia pela frequência de incêndios. “O seu método preferido na guerra social é a provocação de incêndios. Durante o inverno de 1830-1831, que se seguiu à Revolução de Julho, estes incêndios generalizavam-se pela primeira vez. A violência nos distritos agrícolas tomou o rumo da destruição da propriedade

Slide 6: Trade Unions - Em todos os ramos de trabalho constituíram-se as Trade Unions. Buscavam negociações coletivas em torno a níveis de emprego e salários. Faziam caixas para ajuda financeira aos desempregados, e se ajudavam com indicações para conseguir emprego. – Luta pela limitação da jornada a 10 horas de trabalho. [Engels: *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*]. Engels ressalta a importância destes primeiros sindicatos, mas também aponta suas limitações quanto a combater as causas gerais da exploração.

Slides 7 e 8: Cartismo

Foi um movimento político com influência sobre as massas operárias. Teve períodos de maior ascenso e outros de refluxo. Nos anos iniciais o Cartismo tinha apoio de setores burgueses e pequeno-burgueses radicais. Porém esses setores burgueses foram se afastando do movimento, que toma um caráter mais proletário a partir de tentativas de insurreição e greve geral. A repressão, as limitações legais, as dificuldades de estruturação nacional e as divisões internas (ala da “força física” e da “força moral”) ajudam a explicar a desestruturação do Cartismo.

Slide 9 – Sociedades secretas francesas

Neste slide, além da leitura dos trechos escritos é importante apresentar quem foi Buonarroti e August Blanqui.

Buonarroti foi um dos líderes da *Conspiração dos Iguais*, durante a fase do diretório na Revolução Francesa. Junto com Graco Babeuf estruturaram uma organização clandestina, com o objetivo de liderar uma insurreição, para impor medidas de caráter comunista, como o fim da propriedade privada. Os planos da insurreição foram delatados por um dos componentes do grupo. Diversos de seus membros foram assassinados, como Graco Babeuf, e outros foram presos e exilados, como Buonarroti. É interessante mencionar que Buonarroti acabou sendo um elo de ligação entre a Revolução Francesa e o movimento operário.

Blanqui (citações do Livro “*A História do socialismo e das lutas sociais*”)

Nasceu em 1805. Depois de terminar os estudos no Liceu, entrou para a Universidade de Paris, onde estudou ao mesmo tempo direito e medicina. Aderiu então às associações revolucionárias secretas de Bazard e Buches, e tomou parte nos combates de rua, de 1827, sendo ferido várias vezes. Pelos fins de 1829, ingressou na redação do jornal *O Globo*, então liberal de esquerda, que mais tarde seria o órgão dos Saint-Simonistas. Em 1830, participou da Revolução de Julho, combatendo nas barricadas. Decepcionado com o resultado dessa revolução, filiou-se à sociedade dos amigos do povo. Como membro dessa sociedade, se viu implicado no processo contra ela instaurado em 1832. Foi condenado a 1 ano de prisão.

Posto em liberdade, filiou-se à sociedade dos direitos do homem, colocando-se na fração da extrema esquerda. Em seguida, dirigiu a Sociedade das Famílias, sendo novamente detido e condenado a 2 anos de prisão. Libertado pela anistia geral de 1837, dirigiu a sociedade das estações, e, em 12 de maio de 1839, tentou uma insurreição, que fracassou. Foi condenado à morte, mas depois a pena foi comutada em prisão perpétua.

A revolução de 1848 libertou-o. Pouco depois, ele se pronunciou contra o governo provisório e reclamou a formação de um governo socialista, encarregado de exercer, durante algum tempo, uma ditadura revolucionária para, por meio de reformas adequadas, escolas laicas, ensino gratuito, organização de cooperativas, legislação social, preparar progressivamente a população para a instauração de uma sociedade comunista.

“O comunismo não pode ser implantado senão através de uma longa educação. A revolução por si só não modifica os homens nem as coisas. Permite unicamente reformas administrativas. Se a revolução vencer, os juízes e os altos funcionários devem ser imediatamente demitidos e substituídos por tribunais populares. Os funcionários médios e subalternos devem ser conservados durante algum tempo. A direção dos negócios deve ser confiada à ditadura parisiense, até que o país fique maduro para a democracia, para a república e para a economia cooperativa. Numa revolução, o essencial é a conquista do poder político, em prol da reforma cultural e econômica. Os revolucionários devem se manter à margem de toda a utopia, pois os utopistas são quase sempre reacionários.

Em maio de 1848, foi condenado a 10 anos de prisão, pela campanha que movia contra a assembleia nacional. Em 1869, procurou avivar o descontentamento contra Napoleão III e fez propaganda em prol da república. Em fevereiro de 1871 saiu de Paris, para depois publicar um folheto em que afirmava que os dirigentes da nova república eram reacionários e traidores.

Foi preso pelo governo de Thiers. Não pôde, pois, participar da Comuna, embora essa tivesse tentado libertá-lo, oferecendo em troca certo número de reféns. Condenado ao desterro, não voltou a Paris senão depois da anistia geral de 1879. Morreu em Paris, em 1881.

Slide 10 – Marx e Proudhon

As polêmicas com o anarquismo serão estudadas na parte do curso sobre a Iª Internacional. Aqui se pode apenas mencionar que na época em que Marx e Engels começaram a atuar sobre o movimento operário, Proudhon era uma grande referência. Em 1847 Marx escreveu o livro *“Miséria da Filosofia”*, polemizando com o livro *“Filosofia da Miséria”* de Proudhon.

Slides 11 e 12 – Do Socialismo Utópico e Científico

Marx e Engels polemizaram com as correntes socialistas da época, e com as elaborações do que definiram como *“socialismo utópico”*. Engels sistematiza uma crítica aos socialistas utópicos no capítulo I de *“Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”*, que originalmente era uma parte do *“Anti-Dhüring”*. O slide apresenta trechos do texto.

Slide 13 – Utópicos, comunistas e a escravidão nos EUA

Exemplo concreto de diferenças entre os seguidores dos socialistas utópicos e os comunistas. Nos Estados Unidos foram constituídas comunidades baseadas nos princípios dos socialistas utópicos, e também para lá imigraram muitos socialistas e comunistas perseguidos na Europa. Num dos capítulos do livro “*Libertação Negra e Socialismo*”, Ahmed Shawki descreve a relação destes socialistas e comunistas com a escravidão e os negros.

Slide 14: A Formação da Liga dos Comunistas

[trecho do artigo escrito por Elisa Guimarães, no ano do 150º aniversário do Manifesto Comunista]

Marx e Engels não eram teóricos puros. A compreensão da necessidade de transformar radicalmente o atual regime social e de que somente o proletariado como classe, por suas condições de existência, encontra todas as condições para a luta contra o dito regime, fez os jovens revolucionários recorrerem aos meios operários, esforçando-se por penetrar em todos os lugares e organizações em que os trabalhadores estavam submetidos a outras influências. O cartismo¹ na Inglaterra e o blanquismo² na França eram as principais, na primeira metade do século XIX. A repressão e reação, no período anterior as revoluções de 1848, geraram a formação de grupos revolucionários exilados que circularam por cidades como Paris, Londres, Bruxelas, Colônia, de acordo com o que permitia ou obrigava a repressão. Nestes grupos transitaram os autores do Manifesto e a partir deles se conformou a Liga Comunista.

David Riazanov³ questiona a história da Liga Comunista que se tornou conhecida a partir do relato de Engels⁴. Pela versão de Engels, a Liga Comunista teria se constituído a partir da adesão dele e de Marx à Liga dos Justos, que teria perdido seu caráter conspirativo, herança blanquista, e mudado de nome no Primeiro Congresso. Riazanov destaca o papel de Marx como organizador⁵, a partir da constituição dos Comitês de Correspondência, que não se restringiam a uma mera troca de circulares, mas buscavam a unidade dos revolucionários que tivessem acordo com a finalidade que acabou sendo definida no Artigo I do estatuto da Liga Comunista: a derrocada da burguesia, a instauração do regime do proletariado, a abolição da velha sociedade baseada nos antagonismos de classe, e a criação de uma sociedade nova, sem classes e sem propriedade privada.

De acordo com Riazanov, a Federação dos Justos, depois da derrota da insurreição blanquista em Paris, em 1839, deixou de funcionar como organização central, restando círculos isolados como o de Londres composto por Schapper, Bauer e Moll⁶, e o da Suíça, onde se refugiou Weitling⁷, local em que esteve em contato com Bakunin⁸. O grupo londrino se diferenciou de Weitling por seu maior contato com o movimento dos trabalhadores ingleses. Schapper, em outubro de 1844, fundou a Sociedade dos amigos democratas de todos os povos, centro unificador de todos os membros da esquerda que reconhecessem a necessidade da conquista revolucionária do poder político. Era forte a influência de Weitling na nova organização. Para ele, os pobres e criminosos seriam os arquitetos da revolução que promoveria a rápida destruição do governo, resultante de um ataque de surpresa por parte de um pequeno grupo de revolucionários que estabeleceria a ordem comunista com o apoio da religião para manter a adesão das massas; portanto, não seria necessária a propaganda e nem a preparação para a ação. Marx e Engels atribuíram grande importância à conquista dos círculos influenciados por Weitling e não pouparam esforços para estabelecer com eles uma plataforma comum⁹.

A conjuntura revolucionária favoreceu a unificação entre os Comitês de Correspondência organizados por Marx, com centro em Bruxelas, o grupo londrino remanescente da Liga dos Justos e a ala esquerda do cartismo liderada por Harney¹⁰. Neste contexto realiza-se o Congresso de Londres em junho de 1847. Engels participou como representante do Comitê de Correspondência de Paris e Wolff¹¹ pelo de Bruxelas, Marx não compareceu. No congresso foi fundada a Liga Comunista e discutido seus estatutos. Resolveu-se elaborar um projeto de uma “profissão de fé” comunista, que seria o programa da Liga; as distintas regiões deviam apresentar seus projetos no congresso seguinte. Três projetos foram elaborados: um projeto redigido por Karl Schapper, um de Moses Hess e outro de Friedrich Engels, na sua segunda versão

conhecido como *Princípios do comunismo*, redigido em forma de perguntas e respostas, forma catequística e popular, tradicional entre os socialistas europeus daquela época. O segundo congresso da Liga Comunista foi realizado em Londres, em fins de novembro de 1847 contou com a participação de Marx, representando o Comitê de Bruxelas, que acabou sendo encarregado da redação do programa da Liga. Engels sugeriu a Marx a denominação Manifesto Comunista¹ e, certamente, os *Princípios*, em que Engels defende a abolição da propriedade privada e os meios de levá-la a cabo, foi o texto que mais influenciou o Manifesto. Marx substituiu a divisa da Liga dos Justos, contida no esquema de Schapper “todos os homens são irmãos”, por “trabalhadores de todo mundo uni-vos”, suprimindo também a idéia da comunidade de bens. Tendo o Manifesto Comunista como programa, a Liga Comunista tornou-se a primeira organização operária a se orientar para os princípios do socialismo científico de Marx e Engels. A derrota dos processos revolucionários de 1848 seguida pela repressão, a abertura de nova fase de prosperidade industrial em 1850 e o retraimento frente às novas possibilidades de crise revolucionária, provocaram a cisão da Liga Comunista. Após a polícia prussiana prender o Comitê Central da Liga em Colônia, condenados em novembro de 1852, a Liga foi dissolvida.

¹ A Inglaterra, que ao final do século XVIII havia assistido ao fortalecimento do movimento operário, sob influência da Revolução Francesa, volta a contemplar um novo impulso revolucionário, que começa com a campanha pela extensão do direito de voto, ao qual tinha direito somente uma parte ínfima da população. Os latifundiários exerciam o domínio, inclusive na Câmara dos Comuns. Os partidos dirigentes, os *whigs* e os *tories*, que representavam na verdade frações diferentes da aristocracia rural, se viram obrigados a fazer algumas concessões. O mais liberal dos dois, os *whigs*, que considerava necessária a reforma eleitoral, ganhou terreno. Porém, a burguesia industrial conseguiu só para si o direito de voto. Diante da traição da burguesia liberal, os trabalhadores organizaram em 1835 sua sociedade em Londres, dirigida por operários, entre os qual William Lowett e Henry Hasington. Em 1837, Lowett e seus companheiros formulam pela primeira vez as reivindicações políticas fundamentais da classe operária. O documento no qual Lowett e seus companheiros declararam as pretensões dos operários recebeu o nome de *Carta* e seu movimento o de *cartista*. O cartismo iniciou-se com estas seis reivindicações: sufrágio universal, parlamento anual, voto secreto, imunidade parlamentar, divisão do país em circunscrições eleitorais iguais, supressão da taxa eleitoral para os deputados. David Riazanov. *Marx e Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global, 1984. pp. 21-22.

² A revolução de julho de 1830 instaurou na França uma monarquia constitucional. A monarquia de julho outorga a liberdade à burguesia industrial, comercial e financeira para permitir que ela se enriqueça mais rapidamente e, ao contrário, dirige suas ações contra a classe operária, na qual se manifesta, ainda que debilmente, uma tendência à organização. Em resposta à traição burguesa, em 1831 explode uma insurreição nas fábricas de seda de Lyon. Durante vários dias os operários mantêm a cidade em seu poder. Não fazem reivindicação política alguma. Somente adotam o lema: “viver trabalhando ou morrer combatendo”. Vencidos, são submetidos a terríveis represálias. Em 1834, outra vez em Lyon, surge a revolta. A dupla insurreição de Lyon revelou, pela primeira vez, a importância revolucionária do elemento operário. Todavia, o proletariado de Lyon não atacava as bases reais do regime burguês, mas suas reivindicações eram dirigidas contra os capitalistas e contra a exploração. Na França, depois dos acontecimentos de Lyon, começam as primeiras tentativas de organização revolucionária. A figura proeminente deste movimento é August Blanqui. Ele havia tomado parte na revolução de julho. Sob a influência das insurreições de Lyon, Blanqui começa, junto a seus companheiros, a fundar sociedades revolucionárias no meio do operariado parisiense, nas quais participam também alemães, belgas e suíços. Disposto a tomar o poder político através de um golpe e em seguida baixar uma série de medidas favoráveis à classe operária, realiza em maio de 1839, em Paris, uma tentativa de insurreição, imediatamente malograda, e que custa a Blanqui uma condenação à morte, depois comutada em prisão perpétua. David Riazanov. *Marx e Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global, 1984. pp. 23-24.

³ David Riazanov. Fundador e dirigente do Instituto Marx e Engels até 1930. Expulso e afastado do partido em 1931, desempenhou tarefas menores até que desapareceu durante os expurgos, tendo morrido provavelmente executado em 1938. Durante seu período de exílio, colaborou nos órgãos do Partido Social Democrata Alemão. Ao lado de Kautski e Bernstein, trabalhou na investigação e ordenamento dos manuscritos deixados por Marx e Engels, principalmente na correspondência. Riazanov foi o responsável pela trasladação de todo material para Moscou, onde sob sua orientação se publicou a primeira edição crítica completa das obras dos fundadores do socialismo científico. Foi graças ao trabalho dirigido por Riazanov que tivemos a publicação dos *Manuscritos parisienses de 1844* e da *Ideologia alemã*, em 1932.

⁴ Friedrich Engels. “Contribuição à história da Liga dos Comunistas”, em Karl Marx e Friedrich Engels, Obras escolhidas. São Paulo: Alfa Ômega, v.3.

⁵ David Riazanov. “Quarta Conferência” in *Marx e Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global, 1984. pp. 55-74.

⁶ Membros destacados da Liga dos Justos e, depois, do Comitê Central da Liga Comunista. Karl Schapper (1812-1870), tipógrafo alemão, em setembro de 1850, rompeu com Marx e Engels, cindindo a Liga; teve destacado papel na organização dos emigrantes alemães em Londres e Paris. Heinrich Bauer, operário alemão. Joseph Moll (1812-1849), relojoeiro alemão; trabalhou com Marx em Colônia durante a Revolução alemã de 1848/49 e foi assassinado durante uma campanha pela constituição do Reich.

7 Christian Wilhelm Weitling (1808-1871). Alfaiate alemão, influenciado por Fourier, discípulo de Blanqui. Foi um dos primeiros ideólogos do operariado alemão e desenvolveu importante papel de agitação e organização nos meios operários da Alemanha, França, Inglaterra, Suíça e Estados Unidos. Teve muita influência na “Liga dos Justos” e seus dois principais livros, *O Homem tal como é e tal como deveria ser* (1838) e *Garantias da Harmonia e da Liberdade* (1842), tiveram grande repercussão na Europa. Após a Revolução alemã de 1848, emigrou para os Estados Unidos, onde morreu.

8 Mikhail Alexandrovich Bakunin (1814-1876). Socialista revolucionário e democrático russo. Participou da Revolução de 1848/49 na Alemanha e destacou-se, durante a sua vida, por suas idéias federalistas, por seu anti-autoritarismo e por sua oposição ao conselho Geral da associação Internacional dos Trabalhadores e às idéias de Marx. Foi o primeiro tradutor russo do *Manifesto*, em 1869. Tornou-se um dos maiores adversários do Estado, segundo ele uma arma autoritária da tirania. Em sua obra *Deus e o Estado*, ataca a idéia da divindade com tanta veemência quanto ataca o Estado. Foi um dos principais ideólogos do anarquismo.

9 O *Manifesto* diz que os comunistas não são um partido especial, oposto aos outros partidos operários, mas que se distinguem unicamente porque representam uma vanguarda operária, que tem, sobre o resto do proletariado, a vantagem de compreender as condições, a marcha e as conseqüências gerais do movimento operário. Para Riazanov, a razão desta maneira de formular a tarefa dos comunistas obedecia à situação do movimento operário da época, particularmente na Inglaterra, pois vários cartistas que havia na Liga consentiram em ingressar nela com a condição de conservarem seus vínculos com o partido e sem outro compromisso que o de organizar uma espécie de núcleo comunista com o cartismo, para propagar ali o programa e os objetivos dos comunistas. David Riazanov. “Quarta Conferência” em *Marx e Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global, 1984. pp. 55-74.

10 George Julian Harney (1817-1897). Influente líder trabalhista inglês e um dos chefes da ala esquerda do Cartismo. De 1843 a 1850 foi o editor do principal jornal cartista, *The Northern Star*. Mais tarde, fundou seu próprio periódico, *The Red Republican*, que teve vida curta mas que destacou-se por ter publicado, em novembro de 1850, a primeira tradução inglesa do Manifesto, feita por Helen Macfarlane. Em 1851, rompeu com Marx e aliou-se à facção esquerdista de Schapper.

11 Wilhem Wolff (1804-1869). Jornalista alemão, amigo pessoal de Marx e Engels. Participou da organização dos emigrantes alemães em Bruxelas, Paris e Londres. Escreveu vários artigos sobre os operários silesianos para a *Nova Gazeta Renana*. Membro da Liga Comunista. O primeiro volume de *O Capital*, de 1867, é dedicado a ele e Marx refere-se a Wolff como “o impávido, leal e nobre vanguardeiro do proletariado”. Morreu no exílio, em Manchester, Inglaterra.

12 Engels no prefácio da edição alemã de 1890 afirma que o Manifesto não poderia ser socialista, porque este termo, em 1847, designava os adeptos de sistemas utópicos owenistas e fourienistas e curandeiros sociais que queriam com suas “panacéias” e “cataplasmas” suprimir as misérias sociais sem tocar no capital e no lucro. Em 1847 o socialismo significava um movimento burguês e o comunismo um movimento operário. Kar Marx e Friedrich Engels. *Cartas filosóficas e outros escritos*. São Paulo: Grijalbo, 1977. p.71.

Slide 15: As revoluções de 1848

A ideia desse slide é contextualizar que em 1848 uma onda revolucionária varreu a Europa e teve impacto em outras partes do mundo, como o Brasil. Foram lideradas pela burguesia, mas tiveram grande participação dos operários e setores populares, que colocavam suas reivindicações.

Na França a revolução teve dois momentos chave: fevereiro, contra a monarquia, burguesia e proletariado estavam juntos pela República. Com a queda da monarquia e a instauração da Segunda República Francesa a burguesia toma o poder para si; porém o proletariado exige a “república social”: luta por suas reivindicações de forma independente. Em junho ocorre uma insurreição proletária e popular que é massacrada com um banho de sangue pela burguesia.

A citação de slide é de um discurso de Alexis de Toqueville, pensador liberal Francês, retirada do livro “*A Era das Revoluções*” de Hobsbawn.

Slide 16: A proposta deste slide é trazer exemplos de conflitos sociais ocorridos no Brasil nesta época. A industrialização era incipiente; portanto não havia ainda um movimento operário organizado. Primavam as revoltas contra a escravidão e de cunho democrático, liberais, mas também populares.